

Trabalhos Científicos

Título: Aleitamento Materno Exclusivo E Fatores Que O Influenciam Em Um Hospital Amigo Da Criança

Autores: DENISE NEVES PEREIRA (UFSC), SUELY GROSSEMAN (UFSC), MONYQUE ELIAS (UFSC), NATALIA DE PINHO (UFSC), AFONSO ALBERTO FERNANDES OLIVEIRA (UFSC), AMARILDO NAZARENO STAHELIN JUNIOR (UFSC), ANDRIA ANA SOUZA (UFSC), BARBARA KREUSCH PACHECO (UFSC), CLAUDIA NATHALIE FERREIRA DE SOUZA (UFSC), FERNANDA MARQUES DE OLIVEIRA (UFSC), GUSTAVO MIGUEL HOW (UFSC), LIANDRA RAPHAELLA DE LIMA HOLANDA (UFSC), NAIANI SALMÓRIA BORGES (UFSC), NAIARA SANTANA DOS SANTOS (UFSC), RAPHAELA DA SILVA MAINTINGUER (UFSC)

Resumo: Introdução: O aleitamento materno exclusivo (AME) por 6 meses é uma estratégia eficaz em saúde pública, com benefícios para a saúde infantil e materna, porém sua prevalência permanece abaixo das taxas desejadas.
Objetivos: Analisar a prevalência do aleitamento materno exclusivo aos seis meses e identificar seus preditores em crianças nascidas em um Hospital Amigo da Criança.
Metodologia: Estudo de coorte realizado com 252 mães e seus recém-nascidos (RNs), entre 1º de outubro de 2021 e 30 de novembro de 2022, em um Hospital Amigo da Criança localizado no sul do Brasil. Foram realizadas entrevistas no alojamento conjunto e feitos contatos telefônicos no 1º, 4º, 6º, 12º e 24º meses de vida da criança. A análise concentrou-se na avaliação do AME aos seis meses. A prevalência do AME foi estimada por meio de análise de sobrevivência utilizando o método de Kaplan-Meier, sendo aplicado o teste log-rank para comparação entre os grupos. Para avaliar os efeitos independentes dos fatores associados ao AME, empregou-se a regressão múltipla de Cox. O nível de significância adotado foi de 5%
Resultados: A taxa de aleitamento materno exclusivo (AME) aos seis meses foi de 44,2%. Observou-se que o tempo de amamentação exclusiva do filho anterior ($p<0,001$) e o tempo pretendido de AME pela mãe ($p=0,018$) aumentaram significativamente a probabilidade de manutenção do AME até o sexto mês. Em contrapartida, a presença de sentimentos negativos ou neutros em relação à amamentação ($p=0,045$) reduziu essa chance. Após o ajuste por potenciais fatores de confusão, permaneceram associados à manutenção do AME: número de consultas de pré-natal (HR 1,90, IC95% = 1,03–3,51), presença de companheiro (HR 0,44, IC95% = 0,22–0,89) e tempo de amamentação da mãe da puérpera (HR 0,44, IC95% = 0,26–0,75). Por outro lado, idade gestacional (HR 1,63, IC95% = 1,01–2,65), dificuldades na amamentação (HR 1,66, IC95% = 1,05–2,63), uso de chupeta (HR 1,58, IC95% = 1,03–2,43) e uso de mamadeira (HR 5,92, IC95% = 2,79–12,6) mostraram-se significativamente associados à interrupção do AME aos seis meses.
Conclusão: A prevalência de AME aos seis meses foi de 44,2%, sendo semelhante a média nacional. A manutenção dessa prática foi favorecida pelo maior número de consultas de pré-natal, pela presença de companheiro, pelo tempo de amamentação materna em filhos anteriores e pela intenção declarada de amamentar exclusivamente. Por outro lado, sentimentos negativos ou neutros em relação à amamentação, prematuridade, dificuldades no manejo, bem como o uso de chupeta e, sobretudo, de mamadeira, estiveram significativamente associados à interrupção precoce.